MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
17 de Outubro de 2017

I.

Partido Popular vence eleições na Áustria. Líder conservador, Sebastian Kurz, poderá juntar-se à extrema-direita para formar governo.

Migração, Defesa e Brexit vão estar em discussão esta semana na reunião do Conselho Europeu. Neste MAGAZINE EUROPA olhamos para a última ronda de negociações do Brexit. União Europeia acredita que não estão a decorrer com os progressos desejados.

E ainda na edição de hoje: Presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, ameaça expulsar embaixadores de países da União Europeia.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa!

Sebastian Kurz, 31 anos, natural de Viena de Áustria, ministro dos Negócios Estrangeiros, líder do Partido Popular austríaco. Em poucas palavras este é o perfil do vencedor das eleições antecipadas da Áustria. Tudo indica também que será o mais jovem chanceler do país e mais novo líder de uma nação da União Europeia.
Os resultados das eleições parlamentares de Domingo na Áustria revelam que a população respondeu com um SIM às mudanças que Kurz instituiu no Partido Popular, nomeadamente um endurecimento da política de migração.
Os conservadores conquistaram 31,6% dos votos. Sebastian Kurz fala já no estabelecimento de uma nova atitude política.

Sebastian Kurz, Líder do Partido Popular
Prometo hoje que irei com toda a minha força combater pela mudança neste país e gostaria de vos convidar a fazer este caminho connosco. Temos muito que fazer, temos que instituir uma nova atitude política e cultural.

A Áustria é governada há uma década por uma coligação de bloco central. Este mandato, previsto até 2018, foi abalado por uma crise interna no Partido Popular, culminando com a demissão do líder Reinhold Mitterlehner. Sucedeu Sebastian Kurz.
A coligação decidiu marcar eleições antecipadas, mas o líder socialista, Christian Kern, recusou desde o início uma nova coligação.
Os socialistas alcançaram 26,9% dos votos nestas eleições, ligeiramente acima do partido de extrema-direita que com 26% se tornou na terceira forca política do pais. A extrema-direita fica agora com o caminho aberto

para se juntar ao Partido Popular e regressar ao governo, mais de uma década depois.
Connosco, ao telefone a partir de Bruxelas está Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa e consultor internacional baseado na capital belga.

Victor, já se adivinhavam estes resultados. Apesar de se apontar uma coligação com a extrema-direita, Sebastian Kurz não põe de lado outras hipóteses. Quais aqui são os cenários possíveis?
É verdade que se esperava este tipo de resultados, mas também é verdade que uma aliança dos populares com a extrema-direita seria extremamente mal vista em Bruxelas. No entanto, essa coligação poderá existir. Já houve uma aliança entre o Partido Popular e o partido chamado Partido da Liberdade que é um partido muito próximo do fascismo e muito próximo das ideias pró-nazis, um partido também antieuropeu. Já houve uma aliança também desse tipo entre 2000 e 2005. Nessa altura, os países da União Europeia impuseram uma série de restrições diplomáticas e outras à Áustria, porque condenavam esse tipo de aliança entre os populares e os fascistas. Desta vez, passados 12, 13 anos irão os dirigentes europeus manifestar-se publicamente contra a possibilidade de uma nova coligação desse tipo? Eu penso que não e é isso que mudou bastante na Europa nos últimos anos, ou seja, há uma maior tolerância em relação a este tipo de coligações, embora evidentemente isto traga grandes preocupações a quem seja pela União Europeia, a quem seja por uma Europa mais forte e mais unida e também a quem seja pelas liberdades democráticas e contra a xenofobia.
O que nós vamos assistir nos próximos dias e nos próximos tempos é uma grande pressão sobre o jovem líder do Partido Popular, Sebastian Kurz para que ele oriente a sua tentativa de criar uma coligação governamental, não na direcção do partido de extrema-direita, mas sim na direcção do Partido Social Democrata.

Não só a Europa foi um tema ausente da campanha eleitoral, como esta foi também uma campanha com muitas promessas anti-imigração. Na altura em que gravamos o programa, faltam ainda contar os votos por correspondência mas de acordo com os resultados até agora avançados, a extrema-direita tornou-se na terceira força política do pais, como é que isso aconteceu?
O problema da emigração é um problema premente, é um problema que está presente na vida dos austríacos. Os austríacos no ano passado e no ano anterior tinham sido corredor de passagem de centenas de milhares de imigrantes, nomeadamente em direcção à Alemanha. Muitos desses imigrantes acabaram por ficar na Áustria. A Áustria que é um país com uma população relativamente pequena – tem menos de 9 milhões de habitantes – recebeu proporcionalmente um grande número de imigrantes e isso está a ser explorado politicamente, não só pela extrema-direita, mas também pela direita de Sebastian Kurz. Aliás, esta

campanha na Áustria foi provavelmente das mais pobres em termos de ideias, em termos de substância e das mais ricas em termos de xenófoba e insultos.

II.

O Conselho europeu vai reunir-se já esta quinta e sexta-feira. Migração, Defesa, Assuntos Externos vão estar em cima da mesa...Também o Brexit é um dos temas a ser debatido. Michel Barnier, negociador-chefe da União Europeia vai dizer ao Conselho Europeu que não houve progressos suficientes nas negociações, como conta Andrea Neves da Antena1.

[*Há um espírito construtivo nas negociações. Michel Barnier, o negociador da União Europeia para o Brexit reafirmou-o, mas diz que isso não significa progressos efectivos no acordo de divórcio. Por isso não se pode começar a falar de uma relação comercial futura. Barnier não o aconselha.*
"Não estou em condições de, no actual estado de coisas, propor ao Conselho Europeu na próxima semana a abertura de discussões sobre a relação futura".
O negociador da União Europeia diz que não houve grandes progressos na questão dos direitos dos cidadãos, sobretudo no que se refere ao direito de reunião familiar e ao direito a prestações sociais futuras. Mas são as questões financeiras as que mais preocupam Michel Barnier.
"No discurso em Florença, Theresa May afirmou que o Reino Unido iria honrar os compromissos tomados com os outros membros da União. Esta semana, o Reino Unido disse-nos que ainda não está em condições de precisar quais são esses compromissos. Estamos neste momento num impasse que é extremamente preocupante".
Uma posição diferente da do ministro britânico para o Brexit, que negou a existência de um impasse. David Davis deixou um apelo aos líderes europeus, que se vão reunir em conselho nos dias 19 e 20 deste mês.
"O trabalho das nossas equipas e os progressos substanciais que fizemos nestes meses, provam que estamos a avançar. Esperamos que no Conselho Europeu da próxima semana, os Estados Membros reconheçam os progressos feitos e possam dar um passo em frente no espírito do discurso de Florença de Theresa May".
Já lá vão cinco rondas negociais, cinco reuniões entre as partes, mas sem progressos significativos. Theresa May disse esta semana que está preparada para o Brexit, incluindo num cenário de não acordo. Donald Tusk, o presidente do Conselho Europeu, respondeu que prefere que assim não seja, mas que as partes podem ter que começar a preparar-se para esse cenário.]

Victor, também Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia já disse que Londres tem de pagar uma factura em relação ao Brexit e

enquanto este tema não estiver tratado, as negociações não avançam para uma segunda fase. Que progressos é que foram feitos após cinco rondas negociais?
Os progressos foram muito insignificantes. E é por isso que nós entramos nesta semana, que é a semana do Conselho Europeu com muitas preocupações em relação ao processo do Brexit e em que se fala mesmo da possibilidade de não se conseguir chegar a um acordo no final do processo. Isto é de tal maneira sério que a primeira-ministra da Grã-Bretanha resolveu logo no início desta semana – ontem e hoje – ter uma série de contactos com dirigentes europeus no sentido de influenciar a sua opinião em relação às negociações do Brexit de modo a que esses dirigentes quando estiverem mais tarde – quinta e sexta-feira - em Bruxelas possam aprovar a abertura das negociações comerciais com o Reino Unido. Eu penso no entanto que isso não vai acontecer, porque na verdade a questão fundamental, que é a questão das condições da saída da Grã-Bretanha da União Europeia, não estão ainda resolvidas, não há progresso algum nessa área. Aí é a questão fundamental do montante que o Reino Unido deverá pagar à União Europeia. Não o montante por causa do divórcio, é o montante por causa de compromissos financeiros assumidos pelo Reino Unido ao longo dos últimos anos e que são compromissos plurianuais, vão muito além do ano de 2019 e esses compromissos o Reino Unido terá que os assumir, é preciso definir o montante e este é de momento o problema mais espinhoso.

E que mais se pode esperar mais deste encontro do Conselho Europeu?
Os temas mais importantes neste momento em cima da mesa continuam a ser os temas das fronteiras comuns, da protecção da fronteira da União Europeia e em que medida há progressos nessa área. É fundamental que determinados países regressem de Bruxelas depois da cimeira com garantias claras que possam explicar às suas populações de que há um esforço para reforçar o controlo de entrada, nomeadamente de candidatos à emigração. A questão também da defesa comum e eu penso que aí se irá avançar em certas áreas, nomeadamente das áreas dos exercícios conjuntos, nas áreas da produção industrial ligada à defesa e também na área da troca de informações de defesa e provavelmente haverá uma comunicação muito forte em relação ao acordo nuclear com o Irão, na medida em que a União Europeia tem de desempenhar um papel de liderança para manter esse acordo que neste momento está a ser ameaçado pela administração do presidente Donald Trump.

Há pouco falávamos de Jean-Claude Juncker. As declarações do presidente da Comissão Europeia proferidas durante um discurso na Universidade do Luxemburgo, em que falou ainda directamente da situação da Catalunha. Vamos ouvir as declarações de Juncker:

Jean Claude Juncker, Presidente da Comissão Europeia

Não é um assunto nosso, mas se permitirmos que a Catalunha se torne independente, outros irão fazer isso e eu não gostava que isso acontecesse. Não gostaria que, daqui a 15 anos, a União Europeia fosse composta por 90 estados.

Jean-Claude Juncker fala aqui dos perigos de um efeito de contágio a outras regiões europeias. Que leitura é que se pode fazer das palavras do líder europeu?
São várias as mensagens que Jean-Claude Juncker mandou com esse tipo de intervenção: por um lado que a União Europeia não está preparada para desempenhar qualquer tipo de papel na questão catalã. Considera a questão catalã uma questão interna. Por outro lado, uma outra mensagem é que a União Europeia não apoia o movimento independentista catalão e não apoia outros tipos de movimentos desse género noutras partes da Europa. Já é muito difícil, como disse Jean-Claude Juncker, chegar a um acordo quando temos 27 ou 28 países, seria praticamente um milagre se tivéssemos perto de 90 estados-membros da União Europeia. Por outro, lado Juncker também enviou uma mensagem muito clara de que Bruxelas, e nomeadamente as instituições europeias, apoiam a política seguida por Mariano Rajoy. Também voltou a repetir a ideia de que quem sai de um dos países da União Europeia, sai da União Europeia, ou seja, quando há fragmentação, essa fragmentação significa sair do espaço europeu. Esta é chamada doutrina de Prodi.

E o presidente da Comissao Europeia falou numa altura em que o Governo de Espanha deu um prazo à Catalunha para dizer se declara ou não a independência. Puigdemont não respondeu. Segundo o *El Pais*, o presidente do governo catalão endereçou uma carta de quatro páginas a Madrid onde pede que o governo espanhol acabe com a repressão contra o povo catalão. O que é que se pode esperar para os próximos dias?
Era a carta que se esperava, ou seja, uma carta muito ambigua em que ele fundamentalmente ele não diz que disse, mas por outro lado ele procura dar imagem de que o Governo de Madrid é um governo repressivo, que oprime a população catalã e é essa a tecla em que ele vai continuar a insistir. Ele vai tentar fazer um paralelo entre a situação na Catalunha e a situação que se viveu no Kosovo, em que se dizia também que os sérvios esmagavam e não reconheciam os direitos democráticos dos kosovares. O que vai acontecer nos próximos dias é de que o Governo de Madrid vai tirar a autonomia à Catalunha e vai impor uma administração que estará sob a dependência directa de Madrid, ou seja, nós iremos assistir provavelmente a um conflito agravado no final da semana, em que, por um lado, haverá o Governo da Catalunha sem autoridade constitucional e, por outro lado, haverá uma organização, um tipo de administração imposto por Madrid no quadro constitucional, mas que não será aceite por uma parte das instituições catalãs.

IV.

MAGAZINE EUROPA Catarina Domingues
17 de Outubro de 2017

O presidente das Filipinas, Rodrigo Duterte, ameaçou na semana passada expulsar do país os embaixadores das nações da União Europeia. Isso acontecerá se os representantes de Bruxelas na ONU tentassem excluir Manila do Conselho dos Direitos Humanos
Num discurso marcado por declarações violentas, o líder disse que não vai tolerar qualquer crítica europeia à guerra antidroga do país. Uma campanha que já matou mais de quatro mil pessoas desde que Duterte subiu ao poder, há 15 meses.
A delegação da União Europeia no país já reagiu e disse que não passou de um mal-entendido. Há pouco mais de uma semana, um representante da organização Human Rights Watch afirmou, em Genebra, que as Filipinas poderiam ser expulsas do conselho de Direitos Humanos devido aos abusos da campanha antidroga.
As declarações coincidiram com a visita a Manila de delegados europeus da Aliança Progressista, que chamaram a atenção para as consequências que a campanha antidroga poderá ter no comércio entre as Filipinas e a União Europeia.

Victor, a verdade é que a relação do regime filipino com a União Europeia não tem sido fácil. E o combate à droga no país já causou milhares de mortos e também reprovação internacional. Como é que deve a UE relacionar-se com o regime e responder às declarações do presidente Duterte?
O fundamental é continuar a dizer que se reconhece a legitimidade do presidente das Filipinas, enquanto presidente eleito. Mas por outro lado não podemos de maneira alguma fechar os olhos às violações repetidas dos direitos humanos, das normas internacionais, incluindo das normas diplomáticas que o presidente Duterte continua a fazer. A verdade é que a maneira como ele se expressa em relação à União Europeia ou em relação a outros líderes internacionais, é uma maneira de expressar que não é de modo algum aceitável em relações internacionais. E ele tem de ter cuidado com isso porque, na realidade, esse tipo de afirmações podem ser extremamente prejudiciais para o seu país. É verdade que a União Europeia é o terceiro parceiro comercial das Filipinas, depois da China e dos Estados Unidos, e o presidente Duterte não poderá de maneira alguma pensar que continuará a atacar a União Europeia sem que haja qualquer tipo de resposta ao nível da economia, ao nível do comércio e provavelmente algumas sanções nesse sentido. Mas neste momento, o papel fundamental de Bruxelas e o papel das instituições europeias em relação a Manila é muito claro: esclarecer, acalmar o jogo e também continuar a cooperação para o desenvolvimento com as Filipinas, na medida em que a União Europeia tem mais de uma centena de projectos em execução neste momento nas Filipinas e que beneficiam uma população que é extremamente pobre e que vive em condições extremamente difíceis.

V.

Connosco ao telefone Victor Ângelo, comentador do Magazine Europa. E como sempre, antes de terminar, uma nota cultural.
O icónico Atomium, em Bruxelas, inaugurou uma exposição de René Magritte.A mostra celebra, aliás, os aniversários dos dois ícones belgas: do próprio edifício Atomium, que completa 60 anos em 2018, e do pintor surrealista René Magritte, que morreu há meio século.
Esta exposição sensorial, que transforma algumas das obras do belga em estruturas 3D, vai estar aberta ao público ao longo de um ano. Ocupa dois níveis desta estrutura metálica que se tornou um símbolo da capital belga desde que foi erguida para a Expo1958.
Nós ficamos por aqui. Até para a semana!

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +

Estamos no Facebook em Magazine Europa.